



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 5 DE MARÇO DE 2002

*Senhores Ministros aqui presentes; Dr. Emilio Botín, Presidente Mundial do Grupo Santander; Senhor Reitor Mozart Ramos; Senhores Embaixadores e Parlamentares; Senhoras e Senhores,*

Depois de ter ouvido as palavras dos que me antecederam, só tenho uma observação, que, aliás, o Dr. Emilio Botín já tinha feito. Só me dá tristeza uma coisa: é que já nasci há tanto tempo, que não vou ter tempo de aproveitar todo esse novo mundo que se está formando. É, realmente, um novo mundo.

O Dr. Botín explicou o essencial. Estamos passando da época das sociedades industriais para as sociedades do conhecimento. É disso que se trata. É uma mudança de mentalidade. Não é só a mudança de tecnologia. É muito mais do que isso. É uma mudança de mentalidade que tem como consequência uma mudança nas relações sociais.

E de fato, Reitor, quem sabe Dom Hélder Câmara, agora, pudesse ver com mais possibilidade de êxito o seu sonho de um mundo realmente solidário, de um mundo que fosse um único, só, e não Primeiro, Segundo e Terceiro mundos. Porque nada emociona mais do que ver o que

essa tecnologia moderna – e os conteúdos que vão dentro dela – permite para as populações isoladas. Já contei, mais de uma vez, aqui. O Ministro Paulo Renato esteve comigo, na Amazônia, quando se inaugurou, lá, uma rede de computadores vinculados à Internet. Isso faz com que, no meio da Amazônia, ou nas fimbrias da Amazônia, se tenha acesso à cultura mundial, ou pelo menos à parte da cultura mundial que está conectada através da Internet.

Isso é inimaginável, em termos de revolução. Quer dizer, as consequências de tudo isso que começa a se sentir daqui para frente. Em 50 anos, o mundo vai ser seguramente outro. E melhor. Não compartilho da visão sempre pessimista de que está indo tudo para pior. Não é verdade. Eu disse aqui que já nasci há muito tempo. Quando nasci, o Brasil tinha, sei lá, 70% de analfabetos. Não havia comunicação. Não havia comunicação pelo telefone. As empresas tinham uma pessoa – um *boy*, como se chama aqui no Brasil – encarregada de ficar esperando se o telefone dava linha ou não dava linha. E quem morava nas casas, que não tinha uma pessoa à disposição, deixava o telefone ligado, em cima de uma mesa, para ver se dava linha. “Ah! Deu uma linha.” Vamos telefonar. Isso foi ontem.

Então, a mudança é muito rápida, e é para melhor. A mudança permite ampliar os canais de sociabilidade e, também, que a transmissão dos conteúdos culturais se faça rápido e de uma maneira mais eficiente.

Essa iniciativa já foi louvada e tem tudo para ser louvada, porque é exatamente isso. É permitir que as nossas universidades entrem em contato com grupos grandes de universidades. E permitir, portanto, que haja um efeito multiplicador do conhecimento. E o conhecimento não é um ato individual.

Houve época em que se imaginava que o sábio e o erudito eram ermitões. Estavam lá pensando sozinhos, ou no máximo vendo livros. Não é bem assim. Há uma interação no conhecimento. Hoje, dificilmente se pode dizer que alguém descobriu alguma coisa. São redes. E essas redes, hoje, estão ligadas, através dos meios modernos de comunicação. E como os cientistas, os intelectuais, precisam ter lá o seu nome, como autores da descoberta, vivem numa aflição terrível para ver se

registram mais depressa que os outros, porque ao mesmo tempo há centenas, senão milhares, de pessoas chegando perto das descobertas novas, da inovação.

A inovação é um ato social, embora passe pelos indivíduos e não dispense a formação individual, a capacidade individual. Mas é um ato social. E, com esse sistema novo, é cada vez mais um ato de cooperação, um ato social.

Ontem, nos reunimos com o Ministro Ronaldo Sardenberg e com um grupo chamado Protec, que é um grupo de empresários que se juntaram para acelerar a difusão, pelo menos da preocupação com a inovação no terreno do chão das fábricas.

Bom, recentemente, lançamos o Ano da Inovação, no Ministério da Ciência e Tecnologia. Por quê? Porque, nesse mundo novo – que estamos apenas vislumbrando o que será no futuro – a inovação vai ser a chave de tudo – a criatividade, a imaginação. De alguma maneira, o técnico passa a ser um artista, no sentido de que cria.

Na verdade, quando se vai descobrir mais profundamente a natureza da criatividade, ela não é muito diferente de um poeta, um pintor, um cientista atômico, um tecnólogo ou um gestor. No fundo, há alguma coisa como a que, de repente, alguém acrescenta algo novo. Mas esse “de repente” não é tão de repente assim. Por trás da possibilidade de haver essa chispa, existe o trabalho de milhares de anônimos. E, aí, naturalmente, em um dado momento, alguém tem um ato divinatório. Aí, não depende, realmente, somente do esforço. É divinatório. Depende de uma inspiração qualquer, que pode ser de qualquer natureza ou que passa pela mente de alguém.

Mas, seguramente, esse ato divinatório, se não tivesse onde pousar, se não houvesse toda uma preparação e uma rede de conhecimentos anteriores e de inter-relações anteriores, não existiria. Portanto, há, aí, também a síntese que se verifica quando existem, ao mesmo tempo, a organização, o desenvolvimento tecnológico, o investimento e a capacidade de alguém – aí, se personaliza – de ter esse momento divino, de receber um sopro – sabe Deus de que maneira – que faz com que ele transforme em coisa nova o que, muitas vezes, milhares de pessoas já

viram e não perceberam que era novo. É preciso que alguém sublinhe e diga: “Não. Assim dá certo.” E dá certo.

Essa organização, esse portal novo vai permitir mais e mais atos divinatórios, porque vai permitir que muito mais gente esteja interconectada com essa forma nova de conhecimento recíproco e de associação recíproca, independentemente de espaço e de tempo.

É a primeira vez na História. Eu dizia, no começo do Governo, há 7 anos, que vivíamos um momento de Renascimento, como se fosse um novo Renascimento. Naturalmente, fui muito criticado. Presidente é para isso mesmo, para ser criticado, não é? Disseram: “Novo Renascimento, com tanta pobreza...” Esqueceram como era o Renascimento, lá atrás: com muito mais pobreza. O que não justifica a pobreza, naturalmente. Esse é um assunto de outra índole. Mas eu dizia que era um momento de Renascimento, porque o homem estava voltando a ser a medida de todas as coisas. E o que caracterizou o Renascimento foi o humanismo, foi a idéia de que o homem era o ponto de referência de todas as coisas.

Como a sociedade passa a ser uma sociedade do conhecimento, ela requer um novo humanismo. Aparece, no início, até sob formas bárbaras: imposições, guerras, tecnologias que submetem povos. Tudo isso está aí. Vemos isso na televisão, todos os dias, com horror. Mas, ao lado disso, também existe esse outro lado de que, efetivamente, estamos possibilitando uma interação humana muito mais forte e possibilitando, portanto, que as particularidades, que são essenciais – o ato divinatório é único; a cultura de um país é daquele país; isso é muito importante – se ponham em contato. E se ponham em contato da forma mais imediata. Aqui, é fantástico. A língua portuguesa passa a ser a segunda língua do Banco Santander, não é isso?

Na medida que essas formas de comunicação se generalizam, automaticamente, as pessoas vão sendo treinadas, de tal maneira que vão ter a capacidade de penetrar nas outras culturas. E, para penetrar nas outras culturas, é preciso conhecê-las, é preciso ter o domínio da língua.

Então, aqui estamos também permitindo a criação de um momento de mais humanismo, porque requer o respeito ao outro, a aceitação

do outro. Então, isso tudo são elementos da formação de uma nova sociedade.

Aqui, no Brasil, naturalmente, isso se torna até, eu diria, mais chocante, pelas desigualdades. Falei da Amazônia. Podia falar do Pantanal ou podia falar do interior do Nordeste. São populações que, até há pouco tempo, viviam – e muitos ainda vivem – em um imenso isolamento.

Isso vai acabar, na medida que tenhamos a capacidade de dar acesso universal. E o portal é para isso: dar acesso universal às formas de conhecimento e às formas de comunicação.

Então, aqui se vêem, talvez com mais estridência ainda, o novo e o velho, ao mesmo tempo. Com mais estridência, mas está acontecendo no mundo todo. Está acontecendo no mundo todo uma transformação muito profunda.

É claro que, como tudo na vida, depende de como os homens se organizem e de como o poder se distribua. Se o poder se concentrar, tudo isso pode ser usado para um horroroso mundo novo, como dizia o Orwell. Mas, se o poder não se concentrar – e, para não se concentrar, é preciso que haja dispersão do conhecimento – não será um horroroso mundo novo. Será um maravilhoso mundo novo. Um mundo de mais solidariedade, um mundo de mais compreensão humana, um mundo de mais respeito às pessoas, às civilizações, às culturas, às diferenças, que passam a ser vividas, não como forma de oposição, mas como ingredientes da possibilidade de uma inovação, ingredientes da possibilidade de um encontro que produza uma cultura nova.

Então, o fato de virem aqui, para comunicar ao Brasil, o Banco Santander, Dr. Botín, todos os aqui presentes, que temos um portal novo com os reitores, essa interação é um tijolo a mais que estamos colocando na construção desse mundo novo melhor.

Ainda estamos – e todos sabemos –, no Brasil, engatinhando em muitas matérias. Ainda assim, já temos 12 milhões de pessoas que usam a Internet – 12 milhões de pessoas. Somos 170 milhões. Falta muito. Mas, de qualquer forma, em termos absolutos, é uma massa respeitável. E o esforço que está sendo feito – o Ministro Paulo Renato se referiu a isso – é para dar acesso universal à educação, desde a educação básica

até essas formas mais sofisticadas. Portanto, essa iniciativa é muito boa para um país como o nosso, que já tem algo sólido, mas que tem muito a percorrer ainda.

Fiquei, realmente, muito contente de ver a pronúncia do Dr. Emilio Botín. Quase falei em espanhol, para disputar com ele se a pronúncia dele, em português, é melhor que a minha, em espanhol. Mas não falei porque aqui não posso. Sou Presidente da República, tenho que falar na minha língua. Ainda é assim. No futuro, com esses meios de comunicação, vamos misturar tudo que é língua. E o português e o espanhol ficam tão pertinho, que, no começo, comecei a prestar atenção: mas é português mesmo? Era. Ele falava português, porque o teste para se saber se é português é quando se fala “ão” – coração, mão. Isso, para um espanhol, é muito difícil. Não é não dar a mão, nem não ter um bom coração, mas dizê-lo em português. E o Dr. Botín disse, em português. Isso me deixou muito contente.

Parabéns e muito obrigado.